

## JUVENTUDE E ESCOLHAS

*Nei Colombo  
Simone Pinto\**

Como bem sabemos a juventude é o período em que começam as escolhas e decisões da vida de cada ser humano. Se não formos protagonistas de nossa própria existência iremos vagar à deriva. E assim iluminamos nossa reflexão com a seguinte passagem de Eclesiastes 11,9: “Jovem, alegre-se na sua juventude e seja feliz nos dias da mocidade. Siga os impulsos do seu coração e os desejos dos olhos. Contudo, saiba que Deus vai pedir contas a você de todas essas coisas”<sup>1</sup>.

As decisões que falamos são: namoro, estudos, profissão. Estes serão os primeiros passos para a vida adulta e as responsabilidades que a ela implicam. Nosso direcionamento por qualquer caminho deve ser consciente, nós devemos ter em mente com muita clareza o que optamos. Tudo tem um preço e muitos caminhos são de mão única sem retorno, assim podemos nos perguntar onde fica Deus nesta história. E a resposta está onde sempre esteve: ao nosso lado, pois ele quer que sejamos vitoriosos, felizes, ditosos e vivamos com harmonia e paz interior, este é o caminho mais curto para sentirmos a sua presença em nossas vidas.

O sofrimento causado pelo afastamento do Ser Criador é sempre causado pelas criaturas que, na sua arrogância e autossuficiência, inclinam-se irremediavelmente para longe. A infância é o período da vida em que estamos na maioria dos casos sob a proteção e autoridade de outras pessoas, sejam pais, avós, tios, etc. Quando se ingressa na adolescência sente-se prazer em buscar a chamada liberdade e transgredir regras, mas o que seria esta liberdade, senão na maioria das vezes mera ilusão.

E digamos ilusão, pois necessariamente muitos acreditam que a liberdade pode ser exercida sem responsabilidades. Lembramos que toda causa tem um efeito, então nossos atos são como um bumerangue, nós o arremessamos e ele volta para nós. Se praticarmos coisas boas e positivas este será nosso retorno, mas se nos enveredarmos pelos caminhos do álcool, drogas, sexo sem limites, consumismo demais, excessos, o que poderemos colher?

O ser humano está preso dentro de si mesmo pelo medo, dúvida, angústia, solidão depressão, violência; não conseguimos mais visualizar o nosso valor enquanto tal, o ser enquanto ser, enquanto imagem e semelhança com Deus. É o que nos interroga Pedro Trigo<sup>2</sup>:

\* Nei Colombo é professor de filosofia e jornalista. Simone Pinto é música. Ambos cursam Teologia e são casados há 9 anos e pais de Miguel de 2 anos.

1. BÍBLIA. Português. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1995.

2. TRIGO, Pedro. Criação e História, tomo II. Trad. Jaime Clasen. São Paulo: Vozes, 1988.

*Quanto valem as pessoas e por que valem o que valem. Um homem vale tanto como uma mulher, uma criança ou um ancião vale tanto como uma pessoa na plenitude da idade, uma pessoa preparada segundo as pautas do mundo moderno vale mais que outro não qualificado segundo essas pautas, um homem útil, um homem de bem vale o mesmo que outro ocioso, egoísta e perverso? As pessoas valem mais, ou menos, podem valer nada, ou quase nada, ou muitíssimo, ou absolutamente?*

*Não levantamos um problema especulativo. Referimo-nos aos critérios de valoração de nossa sociedade e aos critérios que os diversos indivíduos têm para si e para os outros.*

Nós mesmos nos desvalorizamos, nos perdemos pelos becos escuros do submundo e nos afastamos cada vez mais da Luz, e assim passamos a ser julgados, pesados e medidos pelos “valores” dominantes, que são antivalores e que de forma inconsciente passamos a reproduzir em nossas relações sociais. Ainda afirma Pedro Trigo:

*O julgamento da ordem estabelecida se baseia numa série de atributos nos quais reside o valor e que eles monopolizam e defendem a qualquer preço. Trata-se fundamentalmente do poder ligado ao dinheiro, às relações influentes, ao acesso aos recursos políticos, à capacidade gerencial e a especialização técnica. Com este poder se pensa poder satisfazer as necessidades e os desejos e se situar na vida com segurança e domínio. Estas seriam as personalidades, as forças vivas, os homens probos, as pessoas importantes, de peso. Esses são gente. Isso é vida.[...] Dentro destes parâmetros, é claro que o povo não é gente; são a plebe [...]são os derrotados na luta pela vida<sup>3</sup>.*

Utilizamos o nosso potencial de forma inadequada. Por quê?

Porque vivemos em uma era de alucinações. Dizem-nos que só tem valor quem é proprietário daquela casa e deste carro, quem veste tal grife e calça determinado tênis. O que se convencionou externamente é o peso com o qual somos pesados e medidos pela balança social. Nós aceitamos e muitas vezes vamos além: compramos a falsificação da ilusão e a pílula da felicidade sintética. Este é o auge da alienação do valor de si mesmo, se não temos poder aquisitivo para ingressar no seleto grupo de seres “superiores”, nos contentamos em aceitar tal aberração e compramos cópias baratas muitas vezes produzidas pelo trabalho escravo de nossos semelhantes. O que já não tinha real valor passa a valer bem menos, como realça Pedro Trigo<sup>4</sup>:

*Tudo é orientado para que o povo considere a si mesmo como carente de todo peso e potencialidade e venere o santo em vigor: os bancos, imponentes mausoléus do capital, os líderes em seus estrados e tronos, as mercadorias em seus enfeitadíssimos altares publicitários, os ídolos sempre com seus símbolos característicos.*

3. Ibid., p. 300.

4. Ibid., p. 302.

Voltando às escolhas, devemos ter claro que elas sempre vão gerar resultados a curto, médio e longo prazo. E como nossa estada no planeta Terra com este corpo físico varia de seis a dez décadas, na melhor das hipóteses. Nossa existência deve ser muito bem aproveitada com ações e comportamentos que realmente tenham valor e sentido, lembrando que Jesus nos ensinou que o que mancha o ser humano é a maldade que brota no coração, e que a tolerância e o amor devem permear todas as relações. Não importa a posição social, raça ou credo, todos somos companheiros de caminhada.

A falta de sentido existencial pode nos levar por caminhos tortuosos que podem rapidamente acabar com nossa dignidade, autoestima, amor-próprio e a própria vida, que é o que possuímos de mais precioso.

Temos nosso valor em nós mesmos e ele é incalculável, não podemos menosprezar nenhuma das menores criaturas, muito menos os nossos iguais.

Afinal, riqueza, fama e poder não poderão mudar o que somos por natureza. O mesmo Jesus Cristo rejeitou-os para seguir o caminho do Pai e redimir a humanidade. Por que é tão difícil entender uma mensagem tão simples, mas rica em conteúdo?

A Pós-modernidade trouxe uma falsa sensação de rapidez e fluidez, tudo tem de ser instantâneo, desde o macarrão nosso de cada dia, pronto em três minutos, saboreado com volúpia e um belo copo de suco em pó que nos garante 1% da fruta e é colorido e aromatizado artificialmente. E nós estamos contentes com o engano em que estamos submersos. Em vez de jogar futebol na grama ou na terra e aproveitar a prática de exercício físico e o contato com a natureza, nossas crianças e jovens ficam mais que satisfeitos com o videogame de última geração que simula e distorce a realidade. Conversas com pais, irmãos, parentes e amigos são paulatinamente substituídas por recados virtuais em páginas de relacionamento na internet, conversas por programas de computador ou telefone celular, o calor humano é substituído pelos cliques dos mouses e estalar dos teclados. Nos perfis virtuais cada um se constrói como bem entende, e já não se sabe mais onde a realidade se toca com a ficção. Tudo parece ser fruto da imaginação.

Hoje nos assemelhamos a máquinas e, em vez de cérebro, parece que somos comandados por chips e circuitos eletrônicos. Enfim, a humanidade será dominada pela própria tecnologia que criou.

O que vemos confuso e turvo um dia veremos claro e límpido. Não podemos mais nos enganar desse modo descarado como se não mais existisse a verdade. O que há para nós? O que vamos construir? Quando todas as luzes artificiais cessam, só nos resta esperar pelo nascer do Sol, a Verdadeira e Natural Luz que faz brotar a vida do solo. Como a flor de lótus, devemos nos levantar do lodo para almejar o infinito.

Chega! Não somos mera matéria orgânica e nem somente animais racionais. Está na hora da verdade, e a verdade se apresenta a cada um, ela não pode ser anunciada, ela deve brotar no coração. Devemos brilhar e fazer surgir um novo amanhecer de escolhas responsáveis.

A nossa mente e nossos sentidos por muitas vezes nos enganam. E o que esperar de fora então, se nosso mais íntimo estiver perdido? Aquela comida que vai afetar nos-

sa saúde, o aborto extremamente necessário, a bebida que vai acabar com nosso fígado, aquela droga que vai nos tirar do ar, desse mundo muitas vezes insuportável e hostil, mas que é causado por nós; aquela música que faz doer a nossa alma e que insistimos em ouvir. Tudo que pode prejudicar nossa saúde física, emocional, mental, espiritual e nos causar mal e nós deliberadamente escolhemos fazer novamente, optando em continuar a tomar nossas gotas diárias de veneno, que age de forma silenciosa e com a nossa autorização degradando todo o nosso ser.

Mesmo a busca espiritual nesses tempos se confunde com o mercado de consumo. Buscamos o material, que nos falta, o eterno retorno da necessidade, onde há um vazio, há um espaço a ser preenchido com o adequado ou com qualquer coisa, e nossas “não escolhas” vão nos conduzindo. O estudo adiado, a discussão da relação que nunca chega, a dieta da semana que vem, a caminhada do próximo mês, o abandono do tabaco e do álcool amanhã. Quando percebemos, é tarde demais. E o essencial é que apenas temos o presente instantâneo. A vida é vivida um segundo de cada vez. Não sabemos a nossa hora de partir deste mundo, mas posamos de senhores do tempo e da situação, como se pudéssemos atrasar ou adiantar o relógio do universo e da realidade transcendente.

Não, não temos cinquenta, dez, um ano, nem mesmo um mês ou um dia. Temos exatamente este segundo, que passa e não volta. Nossa vida é um relógio de areia onde cada grão cai no exato momento que deve cair e um a um eles vão.

As decisões devem ser tomadas no presente e nunca postergadas para um futuro indeterminado ou lamentadas a falta de ação de um pretérito imperfeito.

A famosa frase: “E se eu tivesse...”, não vai adiantar de nada. Arrependimentos e indecisões são corrosivos para o espírito. Aja, faça, corrija, viva, mas não dê desculpas ou culpe outros pelas próprias ações, cada um é senhor de si. Portanto, se errou só o que resta é corrigir, se desejar.

A onda que vem até a praia esculpir a areia nunca é a mesma, mesmo sendo o mesmo mar. Assim somos nós, determinadas características gerais nos definem. Entretanto, a cada ato de nossas vidas nos transformamos, mais alegres ou mais tristes, amando menos ou odiando mais, mais generosos ou mesquinhos, mais perdendo ou cultivando o rancor. Ao fim, dominados pelos defeitos e imperfeições, nem nós mesmos poderemos nos reconhecer.

O caminho a ser seguido se faz caminhando. Temos duas opções o trilho e a trilha. O trilho é um caminho predeterminado, exato, já construído por outras pessoas, vai de um ponto a outro sem alterações. Podemos segui-lo, com segurança, mas seguiremos o caminho já traçado por outros homens e mulheres. Temos a possibilidade de seguir pela trilha. Esta é nossa decisão a cada instante. Podemos modificá-la; ir e voltar; fazer e desfazer até chegar onde queremos ir. A floresta estará por vezes já trilhada e, por outras, intocada. Aí será o nosso momento de escolha e decisão. Dessa maneira se dará na família, escola, igreja, bairro, cidade e sucessivamente, pois não estamos sozinhos e devemos saber conviver sem que nos tornemos meros atores coadjuvantes de nossa existência, nem pedras de tropeço aos semelhantes.

A ligação com o transcendente é fundamental em nossas escolhas, pois a fé inabalável é capaz de trazer coragem e certeza para seguir com passos firmes o caminho por nós escolhido. Bem pior que as quedas que ocorrerão, é o medo e a covardia de não levantar e seguir adiante. Independente de qualquer fracasso e derrota ou sucesso e vitória, sempre seremos valiosos e únicos, e esta característica deve ser sempre lembrada. Somos filhos do mesmo Deus, somos únicos.

Queremos mudar o mundo, mas nós mesmos nos recusamos a mudar. Nossas avaliações que tudo está errado e temos a solução para os mais diversos problemas da humanidade, o que nos aflige é a maldade alheia, é o outro que nos afeta, não levamos em conta a alteridade e a empatia. Esquecemos que somos humanos e imperfeitos e que causamos dor e sofrimento também. Devemos ter cuidado com nosso agir e o nosso falar. Palavras mal escolhidas ferem mais profundamente que agressões físicas.

O mal sempre se traveste de bem. Mas, o que é o bem? Sobre esta interrogação Marcos Bach<sup>5</sup> nos diz:

*Quando é que uma decisão é boa? A resposta a esta pergunta já foi dada inúmeras vezes. Nunca, porém, de modo igual. Para os que definem a moral como a ciência que estuda e aplica as leis e os princípios que constituem o esqueleto da ordem normativa, é boa a conduta que reproduz a reta ordem natural ou sobrenatural. Esta ordem é tida como anterior ao homem, é-lhe superior, é objetiva e pré-estabelecida. Ela é perfeita, impecável e infalível. Qualquer erro eventual deve ser atribuído a falhas no terreno da interpretação e/ou aplicação.*

Há sempre belas e bem fundamentadas desculpas para causar o mal. Não há a necessária coragem para se assumir que se agiu de forma dolosa. Se tivéssemos realmente consciência de nossa transitoriedade agiríamos de forma mais equilibrada e contida. Continua Marcos Bach:

*A reta ordem e o universo dos “sagrados” princípios passa a ser muito mais importante do que o sujeito moral e sua consciência. [...] O papel da consciência se restringe à tarefa de ratificar o que já está decidido. Não há espaço nenhum para a criatividade ética<sup>6</sup>.*

No íntimo todos sabemos o que causa mal e o que é bom aos nossos sentimentos e ações. Agindo guiados por este sentimento faremos o bem a nós mesmos e à humanidade.

O que vivenciamos atualmente é a falência da família e da sociedade. Há um descontrole e uma neurose coletiva. O que podemos fazer? A resposta é basicamente buscar o equilíbrio, o meio-termo. Na arte circense se o equilibrista pender para um dos lados a queda é inevitável, da mesma forma é a nossa vida, em todas as nossas ações devemos ter a clara noção do que estamos fazendo. Devemos acordar do eterno sono da inconsciência. Delegamos a tarefa de criar nossos filhos às creches, sejam públicas ou particulares, dependendo do poder aquisitivo do grupo familiar. Nossas crianças não

5. BACH, J. Marcos. *A Consciência e Identidade Moral*. Petrópolis: Vozes, 1985.

6. *Ibid.*, p. 274.

mais nos reconhecem como modelo e padrão, pois estão muito mais familiarizadas com as professoras e estagiárias. Frisamos o sexo feminino devido ao fato de a figura masculina nas Escolas de Ensino Infantil e Fundamental ser quase que absolutamente suprimida. A família passa por profundas modificações e transforma-se em mero núcleo de convivência, pois a intolerância e a banalidade nas relações conjugais tem se tornado a regra.

A chispa de Essência Divina que habita em nosso ser deve ser despertada, devemos deixar brilhar essa grande Luz. O sofrimento que corrói a alma humana é ilusório e neste engano somos dilacerados.

Sim podemos mudar nosso jeito de agir e de sentir. Nossa vida e existência podem ser conduzidas por nossas escolhas e na juventude devemos ter um terreno firme, bem alicerçado em valores éticos e determinados pela coragem, como diz Arturo Paoli<sup>7</sup>:

*É preciso evoluir, mas há algo que concentra todos os elementos desta evolução; esta se verifica em torno de um fulcro central que dá unidade à evolução humana. O homem é uno, e somente se realizar este ideal de concentração poderá ter uma história de pessoa. Mas o ideal não somente concentra estas forças interiores; ele aumenta também o seu potencial. Hoje somos espectadores desta realidade; a coragem não é um fenômeno natural que todos trazemos dentro de nós, como os glóbulos brancos e vermelhos; é o ideal que reforça e desenvolve a coragem e a força; sem ideal, ninguém tem coragem; pode ser temeridade, força bruta, mas não é coragem. A coragem se forma em torno de um ideal que alguém assimilou profundamente em sua vida.*

É o ideal que deve fazer brotar e sustentar a nossa coragem desde a juventude. É a nossa opção por viver a vida de forma leve e tolerante. Sendo realmente humano e buscando o transcendente do íntimo para o comunitário, sem nunca desviar o foco de viver a vida bem vivida.

Nossa reflexão se encerra com uma indicação de como saber dosar e viver graciosa e suavemente nos orientando pelas palavras encontradas em Eclesiastes 2,13: “Então percebi que a vantagem da sabedoria sobre a insensatez é a vantagem da luz sobre as trevas”<sup>8</sup>.

*Simone Pinto*  
[www.simpincol.blogspot.com](http://www.simpincol.blogspot.com)

*Nei Colombo*  
[www.professor-colombo.blogspot.com](http://www.professor-colombo.blogspot.com)

Av. Eng. Ludolfo Boehl, 278  
Bairro Teresópolis  
Porto Alegre/RS CEP 91720-150

7. PAOLI, Arturo. Converter-se. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

8. BÍBLIA. Português. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1995.